

JOÃO ANZANELLO  
CARRASCOZA

# O ARMAZÉM DO SOL



Rio de Janeiro, 2023

# PRINCÍPIO

Nos doze meses daquele ano, descobri que os momentos sombrios e cintilantes estavam se misturando em mim de um jeito que me preparava para, dali em diante, me abater ou me alegrar só o necessário, pouco importaria a quantidade de uns a superar a dos outros. Aquele ano foi, aquele ano é, e segue sendo, o tempo em que as profundezas do horizonte e os altos abismos começaram a se confundir em meus olhos. Tempo em que as cifras das tormentas e a dos encantos se elevaram simultaneamente, serpenteando, como labaredas em espiral. Tempo em que o anjo da guarda que eu acreditava me proteger, e para quem eu rezava com fervor, deu lugar às minhas próprias asas, frágeis e incapazes de produzir milagres, abertas para as aflições mundanas e fechadas para os poderes celestiais. Tempo em que a noção de entropia eclodiu, dolorosamente, em minha consciência.

Eu sabia que os sonhos eram percíveis tanto quanto o meu mundo de menino, mas só então me dei conta que, para além dos sonhos, a vida se degradava justamente por ser fruída, os pesares estavam sempre escondidos, aguardando a hora de sugar a alegria. Me dei conta de que o preço de nadar no açude, entre os peixes e os

girinos, e gritar de felicidade, quase a me arrebrantar de prazer por estar ali com meus amigos (Caio, Guto, Marinho) naquelas tardes de verão, o preço era nunca mais poder nadar de novo no açude, entre os peixes e os girinos, e gritar de felicidade, quase a me arrebrantar de prazer por estar ali com meus amigos (Caio, Guto, Marinho) naquelas tardes de verão – e o troco, consolador, era tão somente poder abrir, vez por outra, no futuro, a torneira gotejante da memória.

Antes, eu vivia contagiado pela inocência, não tinha aptidão para perceber as metamorfoses íntimas e as alheias senão quando já haviam acontecido. Maravilhava-me com os flamboaiãs em floração na rua principal da nossa cidade, esquecido de que, um dia, também seriam madeira seca para fogueira das festas juninas. Não ignorava a ruína das casas (de tudo ao redor), mas a minha vista só aceitava, por miopia, o seu estado final, não estava treinada para notar a sua lenta degradação.

Eu habitava o distrito da infância, onde era direito da esperança me fazer de devoto, mas, naquele ano, comecei a exercer a prática da suspeição, sentindo que reduzia a distância entre a fronteira do verde e a do maduro – e, então, eu a atravessei, conhecendo profundamente aquelas duas irmãs: a coragem e a covardia.

Foi o tempo em que me convenci de que herdamos de nossos pais, e de nós mesmos, da criança que fomos, as penas, e também as fantasias, as aspirações inúteis e, igualmente, os desalentos produtivos.

Não supunha que sentiria o peso da atenção, e o conseqüente aperto da saudade, ao escutar o som de

uma moto esticando a marcha, Greco saindo de casa, o motor de uma velha Kombi tossindo, que anunciava as recém-nascidas manhãs, ou ao ver um rolo de pintar paredes esquecido a um canto da garagem, a falta do meu pai. O pão e o leite não seriam mais para mim o pão e o leite, mas circuitos de compreensão da escrita real da vida. Escrita feita de fiapos de nuvens stratus, hastes pontiagudas de notícias que me feriram e jamais se regeneraram, correnteza de perguntas prestes a se arrebentar no vazio. Tudo se intensificaria naqueles meses para o depois e, do depois para o agora, que a todo instante se renova em outro, deletério agora.

Vieram misturados, num roldão, pesares e regozijos, adeuses e boas vindas, tumultos e epifanias. Meu pai dizia, *Tente!*, minha mãe, *Levanta, filho!*, os meus amigos, *Vamos!*, Greco, *Não procure explicação, viva!*, Maria me perguntava, *Que país você gostaria de conhecer?*, meu avô dizia, *Quanto mais amor, menos precisamos falar*, os gêmeos, no espaço doméstico e seguro, *Perigo, Perigo*, Adão cantava seu maior hit, *Bate outra vez a esperança no meu coração*, o pai do Guto dizia, com tanto gosto que dava vontade de copiá-lo, *Submundo!*, Tereza dizia, *Nossas almas vão se unir aos nossos corpos e nunca mais morreremos*, mas as coisas, todas, só me diziam o que sabiam dizer, *Estamos aqui e vamos, vamos vivendo*.

Em meio às vozes e ao silêncio daquela época, não apenas troquei de pele, mas de corpo, e não só de corpo, troquei de alma, substituindo-a por uma nova, agradecida à anterior, velha e violentada por muitas (seguidas)

dores, mas também impelida por paixões inéditas que, se não venceriam o fastio, mantinham abertos os poros pelos quais passava, estreita mas intensamente, a milenar razão (humana) de viver.

Minha mãe adorava, mais como diversão fictícia do que possibilidade real, ler as previsões do horóscopo chinês e, sobretudo, qual bicho regia o período em que vivíamos – naquele ano foi o Cão. Já Greco preferia conferir o zodíaco clássico, *Saímos de Marte; Estamos sob o jugo de Sol; Ano que vem será Vênus*. Eu nem imaginava a diferença, e suas influências em nossa vida (haveria alguma?), entre Marte, Sol, Vênus e demais astros, nem entre Cão, Macaco, Tigre e outros animais. Tampouco me motivei a procurar esclarecimentos. Para quem eu era, um menino no fundo do país, foi, contudo, o tempo em que a verdade, palavra-galáxia, com seu exército relativo e suas forças fixas, começou a me colonizar. A verdade, com o bem e o mal em seu bojo, em constante e fortuita fusão.

## UNTAR

Era janeiro e foi o primeiro *ah!* Eu estava na cozinha com minha mãe – a companhia dela me apaziguava, fosse onde fosse, a qualquer hora, às vezes era tudo o que eu queria, como quando na escuridão de meu quarto ela me dava a mão, com a qual parecia ler nas linhas da minha a escrita que o dia deixara em mim, ela me dava a mão e a sua palma me dizia, *Você não está sozinho*, e eu não via senão o contorno do seu vulto inclinado, o seu rosto indefinido – que a luz da manhã, tão logo ela me acordava sussurrando, *Levanta, filho!*, devolveria, um a um, os traços daquele rosto que eu amava.

Minha mãe, eu nem precisava vê-la, bastava saber – e o meu coração tinha herdado dela esse dispositivo para aferir – que ela estava pela casa, no quintal ou na varanda, para que o meu corpo se tornasse um mudo (e poderoso) campo de força. A tranquilidade nos enlaçava com uma linha sem fim. À janela do meu quarto, aberta para o novo dia, nós dois contemplávamos o casario até o ponto mais alto da rua, onde a Igreja Matriz se erguia, humilde, mas, àquela época, imponente para os meus olhos despovoados das grandes paisagens que eu haveria de ver no meu depois.

Nessas ocasiões, tantas do nosso cotidiano, a vida era o que era, e nós dois, eu e minha mãe, obedecíamos ao desejo oculto e involuntário de senti-la sempre e sã, na ânsia única de desfrutá-la – a vida só sendo, como se não, como se nunca...

Estava na cozinha aquela tarde, não para fugir da solidão, mas para recolher, como uma corda, a distância que nos separava dentro de casa e para vê-la fazer o bolo de fubá que ela me prometera. Antes, deitado na cama do meu quarto, eu lia um livro de aventura e, por vezes, para ver em pensamento as cenas nele descritas, desviava o olhar para as paredes onde o desenho da tinta velha descascando misturava-se às marcas de bola que eu mesmo fizera. Ouvi o abre-e-fecha de portas do guarda-comida e o barulho metálico de panelas, e concluí que ela estava em ação.

Fui ao seu encontro, arrastando o silêncio comigo como meu brinquedo preferido e que havia tempo eu abandonara, o caminhão Scania preso por um barbante, e a peguei subindo numa cadeira para alcançar a batedeira e a tigela de louça na qual prepararia a massa. Achei que o meu passo sorrateiro a surpreenderia, e, ao se virar e me ver ali, materializado do nada, ela diria, *Que susto!*, mas, como se não existisse para uma mãe o filho não estar com ela, mesmo se o filho estivesse num remoto continente, a anos-luz de distância, e fosse natural ela se deparar, de repente, com ele aos seus pés, não feito uma sombra, e, sim, um raio de sua modesta luz, minha mãe disse, *Ah, você! O que está fazendo aí?* Eu estava lá por ela, mas não disse, respondi apenas,

*Vim te ajudar a fazer o bolo, e ela, Muito bem, e sorriu, Tem gente que só ajuda a comer, e sorriu novamente, Você chegou na hora, eu ia começar...*

Eu já a tinha ajudado a fazer bolo noutras tardes, além de doces e mesmo a comida do almoço e do jantar, mas daquela vez seria diferente – eu ainda estava naquele presente, não tinha subido para pegar o meu futuro, como minha mãe a batedeira. Seria diferente, porque sempre é, nunca um minuto vivido corresponde a um minuto que se vive ou a um minuto a ser vivido. Porque enquanto minha mãe misturava na farinha de trigo o fubá, o óleo, os ovos, conversamos sobre coisas comuns, com palavras apropriadas para aquela hora, com olhares e calares únicos. Mas seria diferente, sobretudo, porque quando acabou de bater a massa e o forno já estava aceso, ela lavou as mãos e disse, *Tenho de untar a assadeira* – e era a primeira vez que eu ouvia esse verbo.

Antes que eu perguntasse, *O que é untar?*, a palavra me estalava na boca, e eu a repetia baixinho, para confirmar se a pronunciava corretamente, *Untar, untar*; minha mãe despejou no centro da assadeira uma colher de manteiga e espalhou com a ponta dos dedos o fundo e as laterais, salpicando por fim a farinha de trigo. Então, untar era aquilo? Curioso, eu perguntei, *Pra que untar a assadeira, mãe?*, e enfatizei o untar, como se essa palavra fosse frequente no meu vocabulário, e, ao escutá-la, vinda de minha própria voz, me dei conta que untar era quase igual a juntar. *É pro bolo não grudar no fundo da forma*, ela respondeu e continuou,



*Sem untar, ele despedaça quando a gente retira e passa pra bandeja. Untar, untar, eu repetia para mim. Tão parecido com juntar. No entanto, muitos anos depois fui compreender que, apesar de quase iguais, esses verbos iam em direções opostas: untar, para não grudar; juntar, para, no seu extremo, grudar.*

Minha mãe derramou devagar a massa da tigela na assadeira, cuidando para preenchê-la de maneira uniforme. Eu gostava de vê-la se movimentar de perto, seus gestos pareciam uma dança lenta, lenta, tão lenta que me hipnotizava, e só me devolvia a mim se eu a mirasse com firmeza e pensasse no que ela era, na palavra que vinha, simples mas sagrada, aos meus lábios: *Mãe*. Ela disse, *Pronto, agora é só pôr no forno e esperar*. E passou a dar fim aos vestígios daquele seu fazer, lavando a louça e guardando na despensa a farinha de trigo, o açúcar, o fermento e tudo o que não ia mais usar.

Fui para o quintal, e ali o tempo me pegava pela mão tão levemente que eu até me esquecia dele, ficava a fazer as mesmas coisas – procurava na jabuticabeira florida a fruta na sua primeira forma, miúda, quase um nada de se perceber, pegava seixos para atirar no céu, como se pudesse com a força do meu braço atingi-lo, deixava meu pensamento se perder no levar dos lençóis brancos ao vento no varal –, as mesmas coisas, mas com renovado prazer, ali eu me sentia livre, apesar do muro. Quintais e meninos, em qualquer fundo do mundo, eram como nuvens e céus: existiam uns para os outros.

Quando o aroma do bolo assado se tornou intenso, voltei à cozinha, minha mãe já havia retirado a assadeira

do forno. Cheguei no momento em que ela a virava do lado contrário sobre uma travessa – e, então, batendo com os nós dos dedos no metal, como um chamamento, eis que, levantando a forma, o bolo saiu todo de lá, por inteiro, e se manteve perfeito, desprendido, exibindo-se para nós dois. *Está vendo?*, minha mãe disse, *Não falei? Entendeu agora por que é importante untar?* Fiz sim com a cabeça, puxei um dos banquinhos da cozinha e me sentei. Fiquei olhando o bolo e, *ah!*, pensando em quanta coisa a gente precisava untar para que, mais adiante, realizadas plenamente, não se despedaçassem em nossas mãos.

AMOSTRA

## REVELAÇÃO

Não muito depois, outro episódio saiu da forma do tempo para modificar a minha vida. Como sempre, minha mãe me acordou com um beijo no rosto, mas suas palavras de costume, sussurradas no meu ouvido, *Levanta, filho!*, vieram puxando outras, *Seus amigos estão aí!*. Então, ao contrário de todas as manhãs, em que eu abria os olhos para ver a sua silhueta na penumbra do meu quarto, e, aos poucos, ganhar seus contornos suaves como um retrato no líquido revelador, mantive-os fechados, como se pudesse frear o sentimento ambíguo que comigo também despertava. Eu estava com um pé no medo, outro na valentia – era preciso sincronizá-los o mais rápido e pisar no chão, resoluto, como um homem.

Movi bruscamente o meu tronco e disse, *Já vou*, ao que minha mãe, em retirada, respondeu, *Vou avisar seus amigos, parece que estão com pressa*, e perguntou, atirando-me direto na realidade que eu evitava, *Onde vocês vão?* Como não sabia se Guto e Caio tinham dito algo a ela – mas não a verdade, com certeza! –, respondi, *Não sei, vamos ver*, e me ergui, fui ao banheiro a fim de escapar de novas perguntas, não queria mentir de imediato para minha mãe, mais tarde naquele mesmo dia eu teria de fazê-lo. Urgia evitar um desacerto com

ela, já bastava aquele dentro de mim, provisoriamente esquecido e reavivado pelo meu despertar, o milagre do sono produzia sempre o adiamento da dor e do prazer (eu já conhecia a escala do desejo, embora soubesse que não passara de seus primeiros degraus).

Depois de lavar o rosto e escovar os dentes, voltei ao quarto para me vestir. Abri a janela e, pondo a cabeça para fora, pude ver Guto e Caio sentados nas cadeiras da varanda, em silêncio, movendo as pernas, impacientes; talvez estivessem pensando no rito que viveríamos dali a pouco, cada um a desenhá-lo em seu geral e nos detalhes, mas – sabíamos – a sua concretização jamais corresponderia àquela que imaginávamos, de outra natureza era a régua que media os fatos reais.

Enquanto eu engolia o café da manhã na cozinha, os dois permaneceram na varanda, e, se a princípio eu discordara da atitude deles, depois a julguei acertada – afastar-se das pessoas, e de suas conversas, era a forma ideal de preparação. O momento vindouro exigia que nos concentrássemos. *Convidei seus amigos pra entrar*, minha mãe disse, atenta aos meus gestos, *mas preferiram ficar lá fora*. Se ela não percebera a inquietude deles, devia ter notado ao menos que lhes faltava a natural euforia. Contudo, havia uma euforia, de outro gênero, que só eu e eles podíamos reconhecer.

Tínhamos combinado em sigilo, os três e mais o Nim, aquele “programa”. E uma vez feito o pacto, mesmo entre nós, meninos, era impossível retroceder. Não havia perdão para os fracos de primeira (ou de última) hora. Era, eu intuía, uma iniciação, ainda que, paradoxalmente, pela

via do fim. O fim de um animal. Um animal grande. Um boi. *Até ontem*, o Guto disse, logo que saímos de minha casa e seguimos para a Vila Cláudia, nos fundos da cidade, *o bicho estava no pasto de uma fazenda*. E, como Caio e eu não fizemos nenhum comentário, ele se calou. Suas palavras foram as únicas ditas até chegarmos lá, ao ponto de encontro, depois de meia hora de caminhada entre as ruas de paralelepípedos e o trecho de terra. Se as palavras serviam para a vida, como dissera Tereza, minha professora de catecismo, com seus exemplos bíblicos, *Faça-se a luz e a luz se fez* ou *Levanta-te, Lázaro*, não havia mesmo serventia para elas naquela hora: estávamos no polo contrário, da morte, de cujas inumeráveis faces pouco conhecíamos.

Ao longo do percurso, meus olhos estranhamente procuravam algo novo nas casas, no rosto das pessoas com quem cruzávamos, no céu quase sem nuvens sobre os nossos ombros, como se o meu estado de espírito, já tocado pela cena a que eu assistiria em breve, pudesse alterar a minha percepção do mundo – e me dotar, de repente, para vida inteira, de uma sabedoria que me faltava.

Já tinha visto muito bicho morto, dos minúsculos a uns maiores: baratas, formigas e moscas aos montes, lagartixas e passarinhos, sapos e até uma cobra. Tinha visto um gato ser atropelado na rua de casa – e a Keka, a vira-lata da minha mãe, eu a vira morrer, magra e cega, no colo do meu pai.

Também me recordava do tio Duílio, que se vestia de palhaço e me ensinava palavrão às escondidas, tio

Duílio sempre me fazia rir, e, de repente lá, estendido no caixão, sua face nos meus lábios, gelada e rígida como um seixo de rio, quando minha mãe disse, *Vai dar um beijo de despedida no seu padrinho*, e eu fui, mesmo refém do meu constrangimento, da litania triste das vozes puxando preces e do véu de resignação que envolvia todos, mesmo dominado pelo temor, eu fui, porque, fosse meu desejo ou não, um dia eu teria de ser maior.

E então, naquele agora, eu estava indo com os meus amigos, Guto e Caio, para além das cercanias da cidade, onde se daria o nosso batismo, não de fogo, mas de faca. Eu sabia, até o momento, o que era morrer. Em minutos, saberia o que era matar.

Passamos pelo bosque de eucaliptos e casuarinas, em frente ao açude onde nadávamos em grupo, espichando as margens daquela felicidade efêmera das tardes de verão, que era não sentirmos o fim das coisas, era vivermos só o viver – o tempo de sentir no leve só o leve, não o peso que ele oculta.

Contornamos a curva da encosta e, adiante, pudemos ver o prédio marrom e a bicicleta do Nim, irmão do Guto, que tocava o açougue da família; ele estava lá dentro, à nossa espera, era aquele o nosso acordo. Instados por aquela visão, que eliminava qualquer rota de fuga – ali tínhamos ido para assistir ao fim de uma vida! –, seguimos a passo acelerado, os três no anseio, talvez inconsciente, de adiantar o destino que nos usaria para se confirmar.

Se o prédio não tivesse em sua fachada a inscrição “Matadouro Municipal” e o cheiro espúrio das superfícies

que, por mais exaustivamente lavadas, jamais estarão limpas, seria facilmente confundido com uma moradia rural, singela, não um local de execução.

Por deferência ou receio de não cumprir direito o nosso papel, ficamos parados por um momento diante da porta entreaberta. Guto, por fim, acercou-se da fresta, para ele também era um desafio, a sua primeira vez, e chamou pelo irmão, *Nim, Nim!* Ouvimos um rumor metálico, a batida de um casco no chão, a respiração do animal e, em seguida, a voz do Nim, o tom mais de ordem do que de convite, *Entrem, entrem!*

Entramos.

Apesar das amplas janelas abertas, por onde o sol, visitante mudo e tímido como nós, espriava-se, a luz era insuficiente para abrandar a atmosfera pesada que vigia ali. Nim retirava da sacola uma serra manual e um martelo e os colocava junto às facas de vários tamanhos alinhadas no piso. Sentindo nossa aproximação, virou-se e perguntou, *Tudo bem?*, para se certificar se estávamos prontos. Guto respondeu, *Tudo!*

Outra batida de casco no chão soou e, então, vimos ao fundo, o boi, irrequieto, preso a uma corda, o rabo abanando as moscas que o rodeavam. Sua presença ali me pareceu estranha, eu só conhecia o gado solto, a ruminar pelos campos. Entre aquelas paredes, retirado de sua paisagem, era a primeira letra de uma liturgia que eu ignorava.

Nim apanhou um ferro pontiagudo e procurou vagorosamente com o dedo um ponto na cabeça do boi. De súbito, sem hesitar e sem uma palavra de atenção